

"CENTRO DE CIENCIAS, LETRAS E ARTES" DE CAMPINAS
 CINCOENTENARIO DA SUA FUNDAÇÃO + CAMPINAS, DE 1890 A 1900
 O GRUPO DOS FUNDADORES
 OS PRIMEIROS ANOS- OS CRENTES E OS DESCRENTES
 ALBERTO FARIA - CESAR BIERRENBACH
 FIGURAS QUE SE FORAM: NOVAES, VIEIRA BUENO, BARCELOS E SOUZA BRITO
 - O " ÚLTIMO ABENCERRAGEM" - RAPHAEL DUARTE

Em 31 de outubro de 1951 o "Centro de Ciências, Letras e Artes" de Campinas comemorou os seus cinquenta anos de existência, toda ela votada ao culto das artes, das letras e das ciências. É um jubileu glorioso, cujos fastos relembrei em discurso que, a convite da diretoria, proferi na sua sede.

Dessa oração fiz um extrato que publicarei no "Correio Paulistano" em dois ou três rodapés seguidos. Acredito que a série interesse a muita gente da terra e de fora, antigos socios e, mesmo antigos frequentadores da sua sede quando estudantes ginasianos ou normalistas. E neles lembrarei as figuras dos fundadores, homens ilustres, que ligaram seus nomes à história de São Paulo, através dos trabalhos prestados aquela instituição.

O decênio que se seguiu à proclamação da República foi, para Campinas, um período de recuperação lenta e dolorosa das devastações que a cidade havia sofrido nas epidemias de febre amarela de 1889 e 1890, hecatombe que em dois anos seguidos, abateu o município na sua prosperidade e no seu incontrastável prestígio na comunhão paulista.

As crises epidêmicas haviam afugentado famílias inteiras para outras terras, deslocando fortunas e empresas para outras sedes e esfriando os ímpetos progressista de que a antiga "Princesa d'Oeste" fôra sempre corajosa iniciadora. E, quando ela se refazia daquelas terríveis devastações e se aparelhava para completar a obra de saneamento da qual dependia a restauração da sua vida - obra a que ligaram seus nomes as primeiras municipalidades da era republicana e os primeiros governos estaduais, destes se destacando o de Bernardino

"CENTRO DE CIENCIAS, LETRAS E ARTES" DE CAMPINAS

(cont.)

- fls. 2 -

de Campos e Cesario Mota - um novo surto epidemico, o de 1896, embora menos devastador, desferiu novo golpe na fortuna e no conceito do municipio. Os anos que se seguiram assinalaram os primeiros beneficios da obra saneadora: os indices demograficos apresentaram melhoras notaveis e o fim do seculo XIX restituiu à cidade um pouco da sua vida e do seu prestigio. Com saude publica restaurada, a vida do municipio recuperou parte das antigas energias e essa tranquillidade se manifestou, em 1900 e 1901, em corajosas iniciativas e benéficas realizações. Uma delas foi o "Centro de Ciências, Letras e Artes", instituição de aspirações estritamente científicas que assumiu, desde logo, um papel de relevo na elevação do nível cultural da cidade, reunindo sob o seu teto personalidades de boa base científica e artistica e o contingente valoroso de professores e funcionários que serviam em duas instituições estaduais então reorganizadas, que forneceram ao grupo inicial da fundação nomes provetos o "Ginasio do Estado" e o "Instituto Agronomico". O "Ginasio do Estado" que se re-erguera sobre as antigas instalações do extinto "Colegio Culto à Ciência", pela lei estadual 284 de 14 de março de 1895, oficialmente inaugurado em 4 de dezembro de 96 e recomposto e enriquecido por uma Congregação de escol em 99, 900 e 901; e o "Instituto Agronomico", transferido da União para o Estado em 8 de fevereiro de 1892, reorganizado nos anos seguintes até se consolidar na reforma do decreto 523 de 3 de fevereiro de 98, que o elevou a uma verdadeira Faculdade Superior de Agricultura e que desde logo se enriqueceu com uma tradição de alto conceito científico sob as gestões dos seus primeiros directores, Francisco Dafert (trazido de Viena d'Austria, ao tempo da Monarquia, pelo Conselheiro Antonio Prado) e Gustavo Dutra, que o substituiu em agosto de 98, trazido da antiga "Imperial Escola Agricola" que funcionava na Baía. Foram os corpos científicos dessas duas instituições - Instituto Agronomico e Ginasio Estadual - que deram ao "Centro" os seus elementos mais valiosos, o nucleo que depois se converteu num grande corpo social.

Homens de boa vontade e alguns de razoável formação científica, eram, todavia, elementos esparsos, que só poderiam reunir-se e dar origem à instituição pelo trabalho de um núcleo reduzido que tivesse a idéia e se decidisse a torná-la realidade. Esse núcleo foi escolhido por um moço vibrante, verdadeiro dinamô humano, dotado de um raro poder de atração pessoal, que era Cesar Bierrembach. Foi ele o ímã central, o irresistível agente aliciador dos demais companheiros da realização.

Tudo era propício a um tal cometimento. Debeladas as epidemias, afastado o terror de novas desastrosas, descoberto o germe propagador da febre amarela e a sua forma de propagação, o aparelhamento sanitário então assumido pelo Estado, deu à vida social de Campinas um alento novo e essa recuperação teria que se manifestar, como se manifestou, em surtos progressistas que nem mesmo a política partidária ferrenha e azeda daqueles anos conseguira empanar. Nós nunca tivemos o senso agremiativo; as sociedades que ali como aqui se formaram e venceram com galhardia algumas dezenas de anos de existência, eram ou clubes recreativos ou associações dançantes. O "Centro" foi, no interior, como um Instituto Histórico o fôra na capital, a primeira organização com um austero programa de cogitações científicas, históricas e artísticas, banindo-se das suas realizações idéias políticas e religiosas. Foi exclusão sábia, inspirada pelo que se conhece dos nossos hábitos apaixonados e do nosso feitio impulsivo; e bastou que, em 1909, tivessem alguns sócios a idéia de dar apoio a um movimento de inspiração considerada anticlerical no protesto contra o fuzilamento do agitador Francisco Ferrer, na Espanha, para que nas suas reuniões irrompesse um facho de discordias que abriu incompatibilidades e criou desconfianças só mais tarde laboriosamente apagadas. Será, sem dúvida, de algum interesse remontarmos à época da fundação para historiar as origens dessa Casa de pensamento e de cultura.

No antigo largo do Rosário de Campinas, a princi-

pio casualmente, depois por hábito que a cordialidade converteu em atração, encontravam-se nos primeiros meses de 1901, funcionários do Instituto Agronomico e lentes do Ginasio, homens de laboratório e de gabinete que, por um pendor explicável, passaram a compor um centro movei de debates científicos, espécie de escola peripatetica em que os interlocutores discorriam sentados ou passeando pelas ruas tranquilas do jardim. Cesar Bierrembach então nos seus 29 anos, lente de História Universal, pelo brilho da palavra e pelo encanto da palestra, era um dos mais animados interlocutores daqueles encontros. A praça ostentava uma bela vestimenta de árvores de copa vasta e nas noites calidas atraia aqueles homens que não tinham pendor para o desperdício das horas de folga em mesas de jogo ou salões de bilhares. Do Instituto Agronomico os assíduos àqueles encontros eram - Adolfo Hempel, Henri Potel, Ernest Sixt e Reynaldo Bolliger; do Ginasio - Manoel Agostinho Lourenço, Gustavo Enge e Camilo Vanzolini. A esses blocos associavam-se José de Campos Novaes e os irmãos Krug, Edmundo e Alexandre. Lamentavam os conversadores a falta de um ponto em predio central no qual pudesse cultivar melhor aquele convívio e, especialmente, o estudo de temas e questões científicas.

Dessas palestras e comentário surgiu a idéia do "Centro". Contou Cesar, meses depois, com o apoio entusiastico de outros dois colegas do Ginasio, Francisco de Paula Magalhães Gomes, filho espiritual da Escola de Outro Preto e Francisco Maximiano Coelho Neto. Coelho Neto ali se estabelecera de pouco e já iniciara uma atividade prodigiosa convocando para reuniões em sua casa, situada na rua Francisco Glicério (contigua à casa em que residia o juiz, depois tão famoso, José Soriano de Souza Filho) senhoras e senhores que, pelo exemplo do escritor, secundado em tudo pelo talento e pelo bom gosto de sua esposa, d. Gaby, sentiam despertar e revelar-se dotes artisticos que a sociedade campineira completamente ignorava. A casa de Coelho Neto que, em reuniões mais numerosas, se deslocava para o salão de pianos da "Casa Livro Azul", franqueada a

essas assembléias artísticas pelo seu proprietário Antonio Benedito de ~~Albaida~~ Mendes converteu-se num centro social de requintadas demonstrações de arte. Casavam-se, portanto, os dois planos, e esses homens. Bierrenbach e Coelho Neto, brilhantes, eloquentes, febricitantes e torrenciais teriam que atrair para as suas realizações o apoio dos homens de inteligência e de pendores artísticos.

Os estatutos foram redigidos por Edmundo Krug, submetidos a um exame na casa dos Krug e alterados e amenizados, porque o seu feitio, como acentuou Bierrenbach, era "prussianamente severo" e com algumas imprecisões gramaticais que se apresentavam a jocosa interpretação. Uma dessas dividia os sócios em duas classes - "ativos e passivos"... Cesar corrigiu logo o ~~dislate~~ mas a notícia transpirou e forneceu pasto para chocarrices que azocrinaram o grupo fundador. Realizou-se uma outra maior reunião a 3 de outubro, sob a presidência do conselheiro Leoncio de Carvalho e a adesão de outros elementos valiosos: Jorge Miranda, diretor do Ginásio, (como também o fora do antigo "Culto à Ciência") velho legionário da propaganda republicana, José de Campos Novaes, Paulo Machado Florense, dr. Angelo Simões, Abelar do Pompeu do Amaral, João Pedro Cardoso, dr. Manoel de Assis Vieira Bueno, Amalio da Silva e Alvaro Müller.

O sodalício em preparo tinha, pelos primeiros projetos, uma feição estritamente científica, com um programa em que predominavam os estudos de ciências naturais. Na circular datada de 28 de setembro de 1901, na qual já se tornavam públicas as linhas essenciais da futura instituição o programa era exposto nestes termos:

"São intuitos especiais do Gremio:

Promover e propagar o estudo das ciências naturais e das que com elas se relacionem.

Celebrar reuniões quinzenais em que sejam lidas memórias e outros trabalhos de sócios sobre quaisquer ciências e discutidos temas sobre especulações científicas ou suas aplicações práticas.

.....

(cont.)

Pugnar pela instituição do ensino de ciência naturais nas escolas primárias do Brasil.

Contribuir para o melhoramento das condições da agricultura e criação do país.

Vulgarizar o estudo das moléstias de plantas e animais e os meios de debelá-las.

Esforçar-se pela adoção e pratica de leis florestais e protetoras da fauna e flora brasileira, etc., etc."

Esse programa e o nome proposto "Gremio de Estudos de Ciências" - afastavam da organização, pela vastidão do objective exposto, elementos valiosos. Por proposta de Paulo Florense realizou-se nova reunião e nesta o programa foi ampliado e melhorado, substituindo-se o nome de "Gremio" pelo de "Centro de Ciências, Letras e Artes": nele entrou o dedo de Coelho Neto, com apoio dos realizadores. E foi com essa denominação que nasceu o instituto cultural ao qual estava fadada uma existência proficua e nobre, a serviço de um programa de que o Brasil tem auferido vantagens consideraveis pelo debate de teses de ampla repercussão científica e social e Campinas tem colhido benefícios não menores para o seu renome e para o seu conceito.

Os nomes dos subscritores da circular de convocação de 28 de setembro de 1901 devem ser recordados com uma reverência merecida: José de Campos Novaes, Francisco de Paula Magalhães Gomes, Henri Potel, Adolph Hempel, Edmundo Krug e João Cesar Bueno Bierrembach. Foram eles cognominados pelo próprio Cesar "seis nomes da meia dúzia de apóstolos que saíram dessa feita a público a concitar para a nova agremiação".

A esse sexteto, outros nomes logo se juntaram e com eles se fundiram, todos considerados fundadores: Ezevhiel Candido de Souza Brito, Francisco de Assis Vieira Bueno (o Vieira Bueno pai, bacharel em direito, já então octogenário), o sr. Vieira Bueno (filho do precedente, médico e politico, Henrique de Barcelos, que colaborava na obra pondo à disposição do "Centro" as colunas do "Comércio de Campinas", especie de órgão official da instituição; Candido Gomide, Abelardo Pompeu do Amaral, Abilio Alvaro Muller e alguns outros dos quais o sobrevivente

é Rafael Duarte, agora também octogenário e preservado por deliberação própria de maiores esforços físicos, mas com o domínio claro da inteligência e a firmeza nos passos, a empregar suas horas melhores no estudo de figuras e episódios antigos da terra e as horas disponíveis no agrado do exame de netos que lhe amenizam a velhice.

No próximo rodapé falarei da primeira diretoria efetiva e dos seus componentes, traçando um perfil de Cesar Bierrenbach, em tres laudas, lembrando também a atividade de Coelho Neto, no "Club Livro Azul", que era paralela à de Cesar, no "Centro".

□ □ □ □ □

A vida do "Centro", nos primeiros anos em que ele manteve o rumo estrito adotado nos seus estatutos até começar a dispersar-se o grupo fundador foi um apostolado de cultura científica, literaria e historica. A instituição não fôra recebida, nem poderia sê-lo, com hostilidade, mas com coisa pior - a indiferença de alguns e a descrença de muitos. Os itens do 1.º programa lançado a publico para a convocação eram de uma orbita científica especializada e não podiam interressar a um grande numero. O programa aprovado na assembléia de fundação de 31 de outubro já era mais variado e sedutor; as linhas rígidas iniciais - "prussicamente severas" como as qualificara o proprio Bierrenbach - vinham adoçadas, melhoradas e ampliadas. Foram mantidos os numeros essenciais do 1.º esboço mas acrescidos de outros que definiram a amplitude do seu programa entre eles o 2.º - Procurar despertar o gosto pelos estudos da lingua vernacula e igualmente pelas tradições, fabulario e poesias nacionais (folclore).

A 1.ª Diretoria presidida pelo conselheiro Leoncio de Carvalho (Carlos Leoncio da Silva Carvalho) foi a diretoria

dos primeiros passos. O nome desse egregio presidente que pouco fez, e pouco poderia fazer, era homenagem prestada por Cesar Bierrenback ao que Leoncio de Carvalho representava na tradição da era monarchica e da vida republicana dos primeiros anos, e ao prestigio honroso que trazia de ter sido diretor da Faculdade de Direito de 1890 a 1891 quando Bierrenback ali cintilava no meio das turmas academicas.

Veio a 2ª diretoria que se manteve nos tres anos seguintes, e da qual eram componentes: José de Campos Novais, presidente; Angelo Simões, vice-presidente; Henrique de Barcelos, secretario geral; Cesar Bierrenback, 1º secretario; Carlos Edmundo Amalio da Silva, 2º secretario; Ezequiel Candido de Souza Brito, orador e João Nogueira Ferraz Filho, tesoureiro.

Apraz-me relembrar a vida do "Centro" naquele periodo inicial quando sua sede, modesta nas instalações do 1º andar de uma casa de aluguel (o predio da rua Barão de Jaguará hoje n. 1172 no qual está a agencia do Banco Comercial) já abrigava um corpo social animado na faina dos primeiros trabalhos e agitado por debates scientificos de consideravel repercussão.

A sede, a biblioteca e o seu incipiente museu eram franqueados à "mocidade estudiosa". Nessa "mocidade estudiosa" entravam, em grande maioria, os alunos do ginasio. Frequentavamos, com gaudio de Cesar e de Campos Novais, a sede: ali tomavamos café à noite, liamos jornais, ouviamos um ou outro debate e comumente fugiamos das preleções de Campos Novais que aproveitava os menores ensejos para nos fazer dissertações bctanicas ou historicas, assuntos de que, como é evidente, já andavamos saturados...

A parte literaria e musical não era o forte do "Centro" e logo se deslocou para a sede da casa "Livro Azul" convertida em "Clube Livro Azul" e, mais tarde, quando da representação da "Pastoral" de Coelho Neto, para o Teatro São Carlos. Em 1902, enquanto no Centro seus fundadores dissertavam sobre temas cientifi-

cos, Coelho Neto iniciava os seus saraus, dando inicio à serie dos que visavam valorizar a musica brasileira e as cantigas populares dentro de programas que o seu bom gosto compunha com a ajuda preciosa de d. Gaby. Num deles, chamado "Sarau de estímulo", realizado a 13 de maio de 1902, no programa que ainda possuiu impresso a duas côres, como introito das tres partes, a 1ª. com a protofonia do "Guarany", a 2ª. com "As Estações", episodio romantico de Coelho Neto e musica de Alberto Nepomuceno, o 3º com o poema musical "As. Uyáras", de Melo Moraes Filho e Alberto Nepomuceno, - leio os nomes de tres "speakers" juvenis aos quais Coelho Neto confiara o exordio explicativo, numa linguagem cantante de que ele tinha o segredo. Esses "meninos", assim mesmo qualificados no programa - eram Tasso de Magalhães, Martin Egidio Nogueira e ... Pelagio Lobo.

O corpo social tinha crescido sendo já então notavel o contingente de socios correspondentes que Campos Novais, na seara das ciencias naturais pacientemente colhia em institutos scientificos europeus e no campo vasto dos intelectuais dos paises americanos, Bierrenbach ia conquistando, favorecido pelo conhecimento pessoal de todos eles.

Com a morte de Cesar em 1907 o seu grupo se desfez. O ano de 1907 foi cruelmente devastador para as fileiras dos fundadores pois assinalou dois suicidios - de Cesar Bierrenbach a 4 de julho no Rio e o de Angelo Simões, em setembro, em Campinas. Já haviam morrido outros: Vieira Bueno, medico, em 1905, e o detado Antonio José Pereira em 1906.

O corpo social tinha que se recompor e com ele as diretorias; outros vieram e concorreram para o progresso da obra cultural que já passara a ser patrimonio da cidade. Morriam as falangistas mas a falange continuava recompondo-se nas diretori

as seguintes - de Araujo Mascarenhas, Tomaz Alves, Rafael Duarte, Alvaro Miller, Antonio Lobo, Carlos Steveson, Alberto Faria, Carlos Francisco de Paula, Alfredo Monteiro, Paulo Decourt, Anibal de Freitas, Nelson Omegna e, nessa singradura trabalhosa até os mais recentes, que foram Gumercindo Guimãrães e Francisco Galvão de Castro. Do grupo inicial, após a triste dispersão causada pelos mortos de 1907, os que continuaram na direção, em vários bienios trabalhosos e fecundos, foram Abilio Alvaro Miller e Rafael de Andrade Duarte.

Com Alberto Faria o fenomeno foi interessante: o "Centro", já em predio proprio, o primeiro da rua Conceição esquina de Francisco Glicerio, conquistou-o para o rol dos seus mais animosos servidores; e para a "Revista do Centro" conquistou ele uma colaboração variada em que escritores de nomes feitos, imortais das Academias de Letras do Rio e de S. Paulo e de Institutos Historicos, se confundiam com os "novos" de então, numa porfia de cintilações literarias. Bastará mencionar alguns nomes: João Ribeiro, Mario de Alencar, Amadeu Amaral, Jackson de Figueiredo, conde de Afonso Celso, Antonio Austregesilo, Alberto de Oliveira, Rodrigo Otavio, Afranio Peixoto, Aristô Seixas, Gílka Machado, Escragnole Doria, Constancio Alves, Capistrano de Abreu, sem contar a "prata da casa", que era de otimo padrão: Alberto Faria, Bebedito Otavio, Erasmo Braga, Paulo Decourt, Americo de Moura, Carlos Stevenson, Basilio de Magalhães, Campos Novais, Alvaro Miller, Anibal de Freitas, Teodoro Yahn e Thitão de Moraes.

Ao tempo da fundação Alberto Faria não cria no possível êxito da instituição. Depois viu, creu e veio servi-la. Saulo o guerreiro, fôra pagão e não cria em Deus, muito menos nas lições do Seu Filho: um dia, porem, tombou siderado por uma visão, na estrada de Damasco, e passou a ser Paulo de Tarso um dos

maiores apóstolos da Nova Mensagem. Essas conversões são da vida - para uns da vida intelectual pelo conhecimento e exaltação dos meritos humanos; para outros, bem mais raros, da vida espiritual, por uma dessas comunicações ou visões, raios vindos do alto por um decreto divino.

o o

D Do grupo dos fundadores a figura numero 1 foi, sem duvida, João Cesar Bueno Bierrenbach. Ele foi o grande entusiasta da fundação, o aliciador irresistível de adesões e simpatias e o maior propulsor dos primeiros passos daquele bloco de homens de gabinete e laboratorio, tímidos e encolhidos. Ninguém o excedeu nessa fecunda atividade em que ele transfundiu sua propria vida. E muito poucos e igualaram em fervor e devoção à Casa, nos dezenios que se desenrolaram, de 1907 para cá . Os traços resumidos que dele escrevo servirão para recordar-lhe a figura e os impetus, contribuição que julgo indispensavel, porque Cesar Bierrenbach é hoje nome esquecido, como tantos outros que cintilaram na vida e desapareceram como meteoros.

Dele poder-se-á dizer o que Batista Pereira disse de Brásilio Machado ao traçar-lhe um radioso estudo biografico: "Orador dos maiores que já tivemos, desses que fazem da palavra a substancia, mesma, da vida e da beleza".

Cesar Bierrenbach, nascido em Campinas em 1872, de ascendência germano-brasilica entroncada na conspícua arvore dos Buenos de Campinas e Mogi-Mirim foi, desde o curso secundario, a mesma revelação de um talento verbal incoercível como esses veios subterraneos que, apenas tocados pelo estilete de uma sonda, estouram e se expandem como força natural descontrolada que só cede e se estaca pela propria exaustão. No Colegio de S. Luiz já assim se

revelara entre grandes e medios. Concluidos os preparatorios aos 16 anos, matriculava-se na Faculdade de Direito de 1890, galgando em tres os cinco anos do curso, pelo regime dos exames de frequencia livre. Durante o curso dirigiu, com Ernesto Kohn e Serpa Pinto a "Revista Academica" e pela colaboração oferecida em artigos e editorais de fundo, como pela torrencial eloquencia demonstrada nas festas academicas ou nas manifestações que ali iam eclodir, conquistou o posto de lider da sua geração. Era esse o titulo que lhe conferia Alcantara Machado, seu contemporaneo, que largou dos bancos academicos dois anos antes.

A veia oratoria, do moço campineiro, de fisionomia juvenil, alto, claro, com um olhar azul chispante guardou o mesmo brilho nas orações com que depois foi arrebatado o entusiasmo dos seus conterraneos em orações da tribuna ou da praça publica. Os ares de Cesar eram essencialmente tribunicios. Discorrendo, como nós o ouvimos tantas vezes, na cathedra de historia universal do Ginasio sobre as invasões da Grecia, pela massa aluvional dos exercitos de Dario ou de Xerxes, ou exaltando a civilização egipcia restaurada pela interpretação das suas inscrições hieroglificas, o seu tom e os ademanos não eram de um professor a ensinar rapazolas que andavam nos 14 ou 16 anos, mas os de um tribuno a sublimar, na praça publica, os feitos militares de seus herois ante uma assistencia de patriotas inflamados.

Dizia-se de Brasílio Machado que seus mais brilhantes discursos nunca foram improvisados - e, efetivamente, não o eram, considerada como improvisado a exposição ou discurso proferido sem a base inicial de uma ideia, de um ~~excerto~~, de um assunto pouco antes exposto e lido. Brasílio Machado traçava meticolosamente o plano das suas orações, em particular as defesas da tribuna

da tribuna do juri, desenhando esquemas minudentes num papel quadriculado que ficou famoso. Alcantara Machado, filho illustre que tanto honrou o nome e fama desse insigne varão, conta esse processo miudamente na biografia que traçou do pai. Quanto aos outros discursos, tambem preparava o assunto, o encadeamento e algumas ideias dominantes: o trabalho da elocução, esse era deixado para as inspirações da hora.

Era, portanto, uma improvisação restrita. Para Cesar Bierrenbach a elaboração mental no discurso era improvisada e instantanea; brotava de uma frase alheia, de uma expressão, de um gesto - como as "deixas" de dialogos decorados por atores dramaticos. O cerebro trabalhava inopinadamente, provocado pelas primeiras expressões verbais e a palavra convertia-se logo em torrente; a proporção que desenvolvia o discurso, acudiam-lhe imagens e ideias, num atropelo que afogava o proprio orador e deixava a massa dos ouvintes num ambiente eletrizado de fascinação. Seus melhores discursos, pela impressão dominadora colhida pelos que o ouviram, foram esses improvisos que principiavam por um estalo e já no segundo periodo se convertiam num estrondo. Na evocação da sua figura feita por Alvaro Miller, disse o orador que Cesar era ao mesmo tempo "uma lira e uma tempestade".

É evidente que, para compor periodos e dar-lhes o lustre verbal que causava arrepios na assistencia, tinha ele que trazer na memoria, bem armazenados, fatos, ideias, nomes e impressões colhidas em longas e meditadas leituras: iniciado o discurso, esse manacial recolhido ao conciente e ao subconsciente borbulhava nos periodos vigorosos ou cantantes que a sua voz, de excelente timbre e assua figura de gestos apolineos convertiam em cenas dramaticas que deixavam siderados os seus ouvintes. É pela palavra falada que o homem evidencia a sua ascendencia imortal, feito, como foi, "à imagem e semelhança" do Criador. A palavra é

o Verbo que, sendo no principio, como se lê no Evangelho de S. João, ("et Deus erat Verbum") o proprio Deus, emanação e força da qual provieram por Sua Vontade mundos e criaturas, sublima as criaturas dotadas, umas mais do que as outras, dessa essencia divina.

E foi pela palavra, a serviço de ideias nobres - agitadas, muitas vezes impulsivas, mas inspiradas por sentimentos elevados e sãos, que Cesar se fez tão grande e util à sua terra e à sua gente. Nunca se deixou contaminar por sentimentos subalternos. Ele engrandeceu em Campinas a tradição dos grandes tribunos, João Gabriel de Moraes Navarro e Francisco Quirino dos Santos. Foi a voz mais ardorosa de criação de uma consciencia pan-americana, como força para a conquista da paz mundial. Dessa evangelização a que se atirou com todos os seus arrebatamentos é que nasceu a estima que lhe consagrava o barão do Rio Branco. E, como atestou, durante toda a vida, foi um visionario ardente, engolfado em sonhos de grandesa para o Brasil, que ele queria maior e mais pujante nas conquistas pacificas da sua politica externa e em todos os seus cometimentos científicos, artisticos e sociais. Deverhe o "Centro", mais do que a qualquer outro, o germe da sua criação e a esplendida trajetoria, cujos rumos foram traçados por sua mão e inspirados por seu fascinante idealismo.

No proximo domingo - "Devolente" - encerro a serie com as ultimas biografias.

\$\$\$ \$ \$ \$ \$ \$ \$ \$ \$ \$ \$ \$ \$ \$ \$ \$

Dos companheiros de Bierrenbach naquela arrancada inicial, trabalhosa e cortada de desanimos, um dos mais eficientes foi, como acentuamos, José de Campos Novais, de quem tive em sejo de traçar, há tempos, alguns traços biograficos que agora renovo e completo.

Fisicamente era Campos Novais um tipo inesquecivel: baixo de estatura, gordo, rotundo, a sua figura retratava outras da familia, aparentada com os Ferreira Penteado, Campos Ferreira e Campos Andrade, de Campinas.

José de Campos Novais, campineiro como Cesar Bierrenbach, nasceu em 30 de março de 1860. Seus pais, o coronel Floriano de Camargo Campos e da. Paula Joaquina de Andrade eram aparentados e provinham de troncos familiares dos mais antigos da arvore dos Camargos, de Campinas e de Itú. Provinha de gente abastada e seus estudos puderam ser feitos com folga em Campinas, no antigo "Culto à Ciencia", completados com o curso de direito em São Paulo e acrescidos de estudos de ciencias naturais e de musica na Europa. No primitivo "Culto à Ciencia, ao tempo da diretoria do dr. Francisco Moretzsohn, quando eram professores Amador Florence, Henrique de Barcelos e João Bentley, dois outros professores sobre ele exerceram influencia decisiva: foram Azarias Dias de Melo, mestre de banda e Joaquim Correia de Melo cognominado o "Quimzinho da Botica", em botanica e historia natural, com o seu prodigioso "Museu" particular do qual mandava informações para institutos científicos europeus e lições praticos e simples aos meninos que ali entrassem por curiosidade. O curso de direito de Campos Novais foi demorado e manco porque ele mais se preocupava com a arte musical e ciencias naturais do que com as materias jurídicas. Foi colega de turma de meu pai, tendo-se matriculado na Academia em 1880, mas foi ficando para tras, com duas "bombas" só se bacharelado em 1886.

O Ouvi do professor Azevedo Marques, ao tempo em que esse eminente mestre de direito e de boas maneiras presidia a "Ordem dos Advogados", servindo eu ao seu lado, no posto de 2º secretario, que Campos Novais pertencia ao grupo chamado "dos campineiros ricos". Tinham republica de mesa farta, cozinheiro e copeiro e - simbolo da opulencia - um piano alugado. Era "Nho Zé de Campos" quem tocava. Algumas vezes, entre tanto, para umas festas a que davam por eufemismos o nome de "concertos", transportavam o piano para a "republica pobre", em que residiam Antonio e José Lobo, Sebastião Lacerda e Delvaux Coelho, vizinha de pensão em que residia Julio Maia, que veio a ser mais tarde secretario da Faculdade de Direito, exercendo o cargo durante quase trinta anos. O piano era entregue a Antonio Lobo, algumas vezes a Eugenio Egas; Campos Novais levava a flauta em que se fizera habilissimo, e travava competições com José Lobo que, fazendo flauta com as mãos, e conseguindo modulações de uma doçura incomparavel, muitas vezes sobrepujava as escalas da flauta de ebano de Novais. Formado em direito, viajou pela Europa varios anos, seguindo cursos de mestres consagrados. Na historia da musica e composição colheu na Alemanha um cabedal opulento, e organizou uma biblioteca propria que, ao ser dispersa e posta à venda apos a sua morte, causou pasmo a professores do Conservatorio de S. Paulo; é que Campos Novais possuia e havia lido e anotado, em longos anos de vigalias, muitas obras que só em cursos superiores é dado aos mestres ler e acompanhar.

Não ficou ele nas escalas de flauta ou de solfejo aprendidas com Azarias de Melo. Aprofundou-se em harmonia e contra-ponto alcançou conhecimento meticoloso dos grandes mestres das varias escalas, desde os classicos até os romanticos, enri-

quecendo o rol com sinfonistas alemães e franceses e os operistas alemães e italianos. Essa biblioteca em que havia preciosidades que hoje valem uma fortuna, dispersou-se a preço vil - e eu ainda alcancei um saldo que, como essas estatuetas, pratos e louças de Serres ou Saxe dependuradas nas paredes sujas dos adelos atestam, por sua marca inconfundível, a nobreza de sua origem e o meio aristocrático em que andaram expostas em festas de gala.

Um homem desse feitio, engolfado em Bach e Beethoven, quanto à musica, e em Martius, Spix, Barbosa Rodrigues, Fritz Muller, Caminhoá, Emilio Goeldi e nos botânicos e químicos alemães e suíços familiares - era homem fora da realidade da vida social e jurídica e passou seus 72 anos meio no ar, despreocupado consigo mesmo e inteiramente destituído de interesse pecuniário ou preocupações financeiras. Bem se compreende, portanto, que o estudante de mesada ampla e o cientista de amplos recursos, sem espirito de especulação que não fosse a especulação científica teria que acabar, como acabou, desprovido de renda própria e vivendo os últimos anos dos escassos proventos de um emprego naquele mesmo Instituto Agronomico em que contava tantos amigos a estudar raizes e molestias de plantas das quais só se apartava para mergulhar em alturas ideais entre os mestres da musica cuja obra ele estudara em anos distantes, despreocupados e felizes. Campos Novas, além dessas obras de cultura atirou-se a um assunto cuja simples enunciação já atestava o que era o homem e quais os seus pendores: "As origens Chaldeanas do Judaismo". A par desses, outros trabalhos reveladores de agudo senso crítico realizou e com eles enriqueceu a coleção das Revistas do Centro. Lembrarei somente que, quando Euclides da Cunha esteve em Campinas de passagem em 1902 com as ultimas provas de "Os Sertões" e fez leitura de vários capitulos na casa de Cesar, a este e a Campos No-

vais, mereceu uma crítica de impressão colhida de ouvido, que tem tanto de segura, como de lucida e aponta alguns enganos que aquele homem erudito foi o primeiro a acentuar. No estudo da rede ferroviária brasileira aprofundou-se e teve a visão segura da conveniência de traçados que, partindo de São Paulo, procurassem Mato Grosso e o Paraguai em dois rumos, atraindo para a economia paulista e brasileira essas imensas zonas do isolado interior e fazendo delas centros tributários do nosso Estado. Esses planos de um bacharel absorvido por estudos de botânica foram acolhidos e lidos a sério no Instituto de Engenharia do Rio e dali transmitidos como obra merecedora de acurada meditação ao Ministério da Viação (então Ministério de Agricultura e Obras Públicas). Concomitantemente com essas investigações, atirou-se a uma pesquisa de história do Brasil ligada à invasão holandesa e forneceu ao Centro, feita por suas mãos, uma verdadeira edição anotada (que fim terá levado?) de uma obra editada em 1656 por Isaak Commelyn em tudo quanto se referia à vida do Brasil na primeira metade do Século XVII.

Basta isso para se dar a medida do que era aquele leitor incansável, descuidado do próprio vestuário, mas embrenhado em investigações distantes e altas, que o punham isolado da vida trepidante que o cercava e das cogitações rasteiras que são o pasto comum das populações. Era uma espécie de ermitão, daquela classe de homens que na idade média consumiam uma vida inteira na meia luz das suas celas, a decifrar alfarrábios que registravam a ciência antiga, enquanto nos campos e estradas bandos de guerrilheiros, a soldo de condes e baronetes, se entredevoravam e faziam disputas no saque de cidades e povoações.

A vida simples e casta de Campos Novais, metido nos laboratórios, de onde só se deslocava para a casa em que morou com outros dois impenitentes solteirões - José Augusto Cesar e Felipe Gonçalves - fizera dele um homem colocado à

margem da vida social de sua terra, tipo que se foi tornando misantropo com a fama de esquisitão, aliás não injustamente aplicada. Felipe era um advogado mineiro e beletриста de seguro domínio da língua portuguesa nos seus modelos castiços. O outro componente do trio dos eruditos solteirões era José Augusto Cesar. Este era uma inteligência de altíssimo quilate, dom da família dos Marcondes Cesar de Lorena e Pindamonhangaba que ele enriqueceu em estudos pacientes e profundos durante longos anos de vigílias. Ocupou em Campinas a cadeira de História Universal do antigo Ginásio como sucessor de Cesar Bierrembach após concurso realizado em 1908, no qual deixou a perder de vista os demais concorrentes. Mais tarde transportou-se para São Paulo e aqui conquistou, em outro concurso, a cadeira de direito civil, exercendo concomitantemente a de processo.

É claro que, numa casa em que tres intelectuais de tão diverso feitio se reuniam, cada um tinha seu quarto e dele só emergia para os encargos do emprego ou da profissão. Pouco se viam. Campos Novais era desordenado e andava às vezes, como o dr. Topsisus criado por Eça de Queiroz, em desalinho, absorvido pelas suas investigações de fitopatologista. Felipe era cuidadoso consigo, bem posto, elegante, sempre escanhado. José Augusto era correto, sisudo, fechado a intimidades. Mas o trio se desfez com a saída de José Augusto, de Campinas para São Paulo e do nosso Felipe de lá para o outro lado da vida. Ficou Campos Novais, com suas raízes, seus rizomas, suas investigações sapientíssimas, das quais largava às vezes para elevar a alma nos solos de flauta. Era, positivamente, um homem de outros mundos. Morreu solteiro e em abril de 1942 - sem agitações de última hora, sem inimizades - a não serem as das pragas vegetais. Jaz em Campinas no Cemitério da Saudade.

O epitáfio que lhe assinala a sepultura, na sua rua principal, à esquerda de quem entra na segunda quadra a contar do portão, sintetiza com fidelidade essa existência pas-

sada entre arbustos, raizes e devaneios musicais. Diz a inscrição do seu jazigo:

"Fez do livro o melhor amigo;
da Natureza campo de estudo -
da Musica, descanso para o es
(pirito - e
no aprender encontrou o encan
(to de viver".

o o o

Dos outros companheiros fundadores - alguns deles de perfil sugestivo de que um dia falarei mais extensamente darei traços resumidos e apressados.

O 1º foi o dr. Angelo Jacinto Simões, médico, com larga folha de serviços à gente desvalida a cujos lares assustados levava, com cara alegre e trato macio, o consolo de uma assistência muitas vezes acrescida de socorro pecuniário. Apesar de estrábico, era figura imponente, de tez clara, bigodes bastos, cabelos castanhos luzidios; com esse conjunto e o trato ameno infundia ânimo e riso na casa dos doentes. Era, porém, um caráter cheio de melindres que, por muito pouco se agastava - e sofria. Seu suicidio inopinado, num domingo, o de 20 de outubro de 1907, quando havia completado naquele mesmo mes 47 anos de idade, causou um abalo imenso e um como que atordoamento na cidade. A bagagem científica do médico e operador autorizava serviços maiores à cidade que elegera para sua residência e na qual já se colocara entre os médicos de maior benemerência.

O 2º Henrique de Barcelos, secretário geral do primeiro trienio, jornalista de cerne e polemista vigoroso, com campanhas incontestavelmente meritórias, como a longa campanha da abolição e da guerra ao monopólio de carnes verdes, ao lado de outras destetáveis, verdadeiras contumelias no estilo, então muido em voga de característicos verrina que ele

adubava com um vocabulário de que Camilo e Silva Pinto davam, em Portugal, os insuperáveis modelos. Barcelos, cuja atuação em Campinas foi, a princípio, pelicosa e anticlerical, sob o pseudonimo de "Rochefort", ligou seu nome à fundação da imprensa diária: em 1874, com Antonio Sarmiento, no "Diario de Campinas"; com Gonçalves Pinheiro e João Barroso, no "Correio", em 1885 e, finalmente, em 1º de setembro de 1900 com o "Comércio de Campinas" que ele dirigiu e redigiu até as vésperas da morte. Logo depois o jornal também morreu.

Carlos Edmundo Amalio da Silva, segundo secretário, com seu feitio explosivo de guerrilheiro assanhado, portador de barbas negras de estilo mouresco, acompanhou os trabalhos de Cesar até transferir-se para o Rio, em 1905, indo ali ocupar uma trincheira que Edmundo Bitencourt lhe designara no "Correio da Manhã".

O orador daqueles tres anos foi o dr. Souza Brito cientista proecto e médico que para ali se transportara na época das calamidades epidemicas e, após cooperação eficiente prestada a numerosas campanhas, regressou ao Rio para reger uma cadeira na Escola Superior de Agricultura. Faleceu em 1930, logo após a sua jubilação. João Nogueira Ferraz Filho, no cargo de tesoureiro, conduzia como mareante cauteloso o barco social, procurando "abastecimentos" e refreando os excessos dos gastadores. Em Campinas era um tesoureiro, cronico e vigilante de instituições de caridade e assistência. Os Irmãos Krug, que representavam uma dinastia germanica de intelectuais, deram a Cesar, nas pessoas de Edmundo e Alexandre o apoio inicial com o bloco colhido no Instituto Agronomico. O nome dos Krug está indissolvelmente ligado à formação educacional das primeiras "sinhas" campineiras, no "Colégio Florense", fundado por d. Carolina Florense, (Krug de nascimento) que, para a figura gigantesca de Hercules Florense, como sua segunda esposa (após a morte da primeira, filha do outro gigante, Francisco Alvares Machado de Vasconcelos) - foi o amparo, o incentivo e o poderoso estímulo na sua vida trabalhosa e fecunda.

Desse ramo de d. Carolina provieram figuras, figuras verdadeiramente notáveis, médicos, engenheiros e artistas - todos campineiros - Ataliba, Henrique, Guilherme e Paulo Florense, primos, irmãos de Alexandre Krug. E, completando esse grupo já desfeito pela morte; Manoel de Assis Vieira Bueno, o médico da pobreza, amulo em bondade de Angelo Simões, mas de um feitio intelectual mais vivo, com uma tendência a expansões de ironia, certas vezes de sarcasmo, que tornavam a sua palestra sedutora e chispante; Gustavo Enge, grande professor de Geografia e Cosmografia do Ginasio, cujas lições sábias recebi durante tres anos; Alvaro Muller, Camilo Vanzolini e Francisco de Paula Magalhães Gomes e o grupo do "Instituto Agronomico" chamado pelos simples sobrenomes: Potel, Hempel, Bolliger e Sixt, dos quais apenas vive o último, em bem merecida aposentadoria. Do grupo dos primeiros anos é justo ainda recordar o trabalho intenso e efficacissimo de Alvaro Muller e de Ponciano Cabral que em bienios de exaustivo esforço conseguiram manter a instituição no austero roteiro traçado pelos fundadores a cujo bloco inicial se haviam juntado. E folgo em lembrar que um dos associados que durante bienios assumiu posto de relevo Rafael de Andrade Duarte, está vivo e são de corpo e espírito, e na oficina intelectual de que foi sempre operário meticoloso, continua na faina de restauração de tipos, episódios e aspectos da vida campineira e no merecido lavour às nobres figuras do seu passado. Vai aí resumida a vida dessa nobre instituição que tem cumprido com isenção e dignidade o belo programa da sua fundação.

Nesse meio século de realização os fundadores e servidores impuseram-se ao respeito e à estima de todos os paulistas.

Correio Paulistano 20-27-I e 10-II-1952